

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: REFLEXÕES A PARTIR DO PROJETO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

Andreza da Paixão SILVA (G-UFGA)

Leonildo Nazareno do Amaral GUEDES (UFGA)

Resumo


A compreensão das diversidades étnico-raciais e relações dentro e fora do contexto escolar e valorização do ser humano pode ser alcançada por uma reflexão crítica. Isso implica na percepção das relações entre pessoas, ou seja, na relação de respeito entre elas. É sobre essas reflexões que trata o texto. Estas têm por base o projeto “Diversidade étnico-racial: Menina bonita do laço de fita”, cujo objetivo voltou-se para motivar crianças da escola Luluzinha, da cidade de Anajás, no Pará, a convivência entre alunos e pessoas fora do ambiente escolar e a valorização do ser humano, como estratégia de apropriação de conhecimentos importantes para uma atuação crítica e reflexiva na sociedade. Partimos da seguinte problematização: Como é convívio entre alunos de diferentes raças dentro da escola Luluzinha? Quais as implicações das ações do projeto para a promoção do respeito entre alunos? Efetuam-se como base teórica os autores Sacristan (2007) e Freire (2008) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), combinando pesquisa bibliográfica e dados empíricos obtidos por meio de observações sistemáticas, identificamos que no decorrer do ano letivo não foi trabalhado com os alunos a respeito do tema diversidade étnico-racial. E embora haja uma grande diversidade étnico-racial na sala de aula, os alunos não reconheciam do que se trata. A partir do projeto percebeu-se um maior interesse pelo tema abordado. Concluímos ser fundamental promover ações que incentivem crianças a conviverem entre si com respeito às diferenças, não como obrigação, mas como querer e prazer.

Palavras-chave: Educação infantil. Diversidade étnico-racial. Prática Pedagógica

INTRODUÇÃO

O texto tem por finalidade apresentar algumas reflexões acerca da importância da prática de ensino sobre diversidade étnico-racial em uma turma de educação infantil, com alunos na faixa etária de 05 anos, da cidade de Anajás, no Pará. Trata-se de um empreendimento que resulta de um estudo de um projeto criado como exigência de estágio curricular em docência na Educação Infantil, que faz parte da grade curricular do Curso de Pedagogia da UFGA, intitulado “Diversidade étnico-racial: Menina bonita do laço de fita”, da autora Ana Maria Machado”. O objetivo voltou-se para motivar crianças da escola Luluzinha, da cidade de Anajás; a convivência entre alunos e pessoas fora do ambiente escolar e a valorização do ser humano, como estratégia de apropriação de conhecimentos importantes para uma atuação crítica e reflexiva na sociedade.

Nossas reflexões são guiadas pelas seguintes indagações: Como é o convívio entre alunos de diferentes raças dentro da escola Luluzinha? Quais as implicações das ações do projeto para a promoção do respeito entre alunos? As discussões estão teoricamente ancoradas em autores como Bogdan e Biklen (1994), Carvalho (2002), Freire (2008), Gomes(2001), Guimarães(2008), Iervolino; Pelicioni(2001), Munanga (2008), Mynaiio (1994), Pessanha (2003) e Sacristan (2007). A SILVA, Andreza da Paixão. Diversidade étnico-racial: reflexões a partir do projeto “Menina bonita do laço de fita”. In: **IV ANAIS do Colóquio de Letras**, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018.ISSN: 2358-1131



perspectiva é refletir sobre o estudo em sala de aula sobre diversidade étnico-racial, enquanto instrumento de conhecimento, tornando a aula rica em saber, em que o aluno aprenderá a importância à valorização do ser humano, ajudando-o na reflexão, quanto às semelhanças, diferenças étnicas e sociais e relações familiares, somando na luta contra o racismo ou qualquer forma de preconceito, no reforço à igualdade social e racial, aplicando e vivendo verdadeiramente a consolidação da democracia, pautado no Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009) e na Lei 12.288 sobre o estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010).

Vale ressaltar que ao enfatizarmos sobre diversidade étnico-racial tivemos o cuidado em não trabalhar o conceito de “raça” como instrumento preconceituoso de saber, mas sim no âmbito dos direitos iguais a todos os seres humanos, baseados nas ideias de Guimarães (2008), que trata o conceito de raça como sentido ideológico sobre uma pessoa se reconhecer e afirmar como pertencente a uma determinada raça, aqui caracterizada em duas: branca e negra, que se junta ao conceito de etnia, originada do grego *ethnos*, como pertencimento de um grupo com características semelhantes e ações coletivas.

Isso significa trabalhar em sala de aula sobre diversidade étnico-racial não como obrigação curricular ou apenas como referência ao dia da consciência negra, comemorado no dia vinte de novembro, mas como condição para uma busca e descoberta prazerosa de quem reconhece e respeita a diversidade, sem preconceitos (CARVALHO, 2002, p.120), pois quando o professor se dispõe a trabalhar na sala de aula sobre diversidade étnico-racial ele deve estar livre de preconceitos, ministrando aulas que ajudem o aluno a refletir sobre suas ações enquanto cidadão que respeita o outro, o que contribuirá para promover o respeito mútuo entre alunos.

Por isso, a prática pedagógica aplicada no projeto foi relacionada com diversidade e as relações na educação, fazendo com que os alunos aprendam sobre o que é diversidade étnico-racial e qual a importância de aprender sobre isso. E mesmo que sejam crianças, já são capazes de serem alunos conscientes das culturas diversificadas existentes na sociedade, em um processo de heterogeneidade cultural dentro da individualidade de cada ser humano, com um conhecimento respeitoso, com uso de metodologia que valoriza atividades lúdicas e atrativas, que incentivem a participação do discente nas aulas, da qual Freire (1999) enfatiza:

É preciso que, [...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma o ser formado. É nesse sentido de que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pelo qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência. (FREIRE, 1999, p.17)

SILVA, Andreza da Paixão. Diversidade étnico-racial: reflexões a partir do projeto “Menina bonita do laço de fita”. In: **IV ANAIS do Colóquio de Letras**, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018. ISSN: **2358-1131**



Na execução do projeto foi explícito em debates e atividades que o tom da pele não era e não pode ser motivo de discriminação, mas de condição de respeito às diferenças, pois, somos diferentes uns dos outros somente no modo de ser, de pensar e agir, porquanto que nossas semelhanças enquanto seres humanos são justamente por sermos únicos, com os mesmos direitos e deveres enquanto cidadãos. Construindo, então, uma educação para uma sociedade mais democrática, tal qual quando Munanga nos diz que o professor deve fazer:

Das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala de aula como momento pedagógico privilegiado para se discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional (MUNANGA, 2008, p. 15).

Assim, oferecendo aos educandos condições conscientes de suas próprias identidades e igualdades conforme a lei, da qual fala Pessanha (2003), isto é, garantia de direitos não por conta de reivindicações dos sujeitos, mas da garantia da equidade social, segundo Gomes (2001).

Metodologia

A pesquisa adota como abordagem metodológica a perspectiva qualitativa, devido preocupar-se “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 1994, p.22). Na pesquisa qualitativa, Bogdan e Biklen (1994), ensinam que se valoriza o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador é o principal instrumento de coleta das informações.

Os autores ajudam a pensar que a pesquisa qualitativa não se resume a técnicas e modelos predefinidos, pois não existem receitas prontas para garantir o sucesso dos resultados obtidos. O fenômeno qualitativo é dinâmico e, portanto, impossível de ser apreendido de forma mecânica. Daí a necessidade de o pesquisador recorrer a diferentes estratégias. Por isso, neste estudo recorreremos à pesquisa bibliográfica, execução de projeto e também a técnica da observação sistemática e a análise de conteúdo.

A dinâmica da pesquisa envolveu quatro etapas: na primeira, levantamos textos, artigos e livros que compõe a base teórica da pesquisa. A segunda voltou-se para o acompanhamento das ações do projeto por meio de observações. Nesta registramos em um caderno de campo as ações desenvolvidas, as quais envolveram o incentivo a participação ativa dos alunos participantes do projeto, roda de conversa em que se priorizou a participação e respeito à opinião dos participantes,

já que essa metodologia de ensino possibilita “[...] ao investigador verificar como as pessoas avaliam uma experiência, ideia ou evento; como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a determinados fenômenos” (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, p.116). Estes foram convidados a relatarem sobre os benefícios que o conhecimento sobre diversidade étnico racial trará para as suas vidas.


A terceira consistiu na ida à Escola Luluzinha para verificar se o projeto aplicado implicou de alguma forma na prática do respeito entre participantes. A quarta e última etapa trata da análise dos dados à luz da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Para proceder com essa etapa, os dados foram organizados e interpretados tendo como categoria principal a diversidade étnico-racial, presente no ambiente escolar. De acordo com Freire (1999), o homem se humaniza e faz cultura a partir da realidade da sua vivência diária.

Discussão dos dados

A execução do projeto em estudo envolveu a participação de 20 alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Luluzinha, no envolvimento nas atividades de pintura e escrita e atividades lúdicas com o uso de músicas e teatro da história infantil Menina Bonita do Laço de Fita, da autora Ana Maria Machado, que fala sobre uma menina negra e linda que não era discriminada por sua cor, e sim admirada por um coelho branco que almejava ter a mesma cor da menina, e por achá-la bonita perguntou qual era o seu segredo para ser tão pretinha. A menina não sabia o porquê e começou a inventar, e isso assemelha-se com a história de crianças que muitas vezes não têm o conhecimento de sua própria identidade, não sabem que sua família é composta por uma etnia negra, fruto de uma pluralidade racial. Segundo Martins (2011), “nós nos reconhecemos e nos reconstruímos na relação com o outro”.

Teve-se a preocupação com a participação ativa dos alunos em cada atividade proposta, em que obtiveram conhecimento sobre as diferenças de raças existentes entre os próprios participantes do projeto, que foi um fator importante para que houvesse um ensino baseado no aprendizado autocrítico de cada aluno.

Além disso, teve a atividade de roda de conversa com todos os participantes, que ajudou a encontrar respostas às indagações dos alunos, possibilitou construção de novos conhecimentos e interação entre pesquisadora e participantes, com exposições de opiniões de todos os envolvidos no processo (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). Durante a roda de conversa, ouvindo os relatos dos alunos, foi possível identificar quais deles convivem com pessoas de cor da pele negra em suas residências e fora delas, bem como aqueles que já conseguiam identificar o conhecimento sobre a



mistura de cores dentro do convívio familiar, em que alguns parentes são negros e brancos e quais os costumes de cada família. Também pudemos verificar os que não possuem o conhecimento sobre a singularidade de seus familiares, e antes do projeto não haviam verificado a heterogeneidade racial existente dentro da própria família, porém, com a análise coletiva e individual, por meio das atividades realizadas na sala e a roda de conversa, puderam perceber a com clareza as especificidades de seus familiares, a heterogeneidade racial existente, bem como seus costumes diários.

Ainda foi possível identificar os tipos de atividades preferidas pelos alunos quando se está ensinando um assunto, no caso a leitura de histórias infantis que fazem menção ao conteúdo estudado.


Assim, é possível refletir a luz das ideias de Sacristán (2000), que enfatiza que no currículo escolar os valores devem está presentes nos projetos educacionais. Se no decorrer da execução dos projetos a prática do respeito contínuo for incentivada cotidianamente, até mesmo por uma conversa informal entre docentes e discentes, o aluno poderá expressar-se com clareza, com resultados positivos em sua aprendizagem sobre o tema, usando o respeito a si e aos colegas como instrumento positivo em seu processo de aprendizagem enquanto aluno e enquanto ser humano.

Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado. [...] O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar. (SACRISTÁN, 2000, p. 17).

É necessário também que nós, educadores, tenhamos uma postura crítica sobre a nossa função enquanto professores, investigando minuciosamente sobre os assuntos referentes à história da população negra no Brasil. É necessário o cuidado para ensinarmos uma educação que não seja preconceituosa ou racista, mas respeitosa, em que Munanga (2008) reforça a ideia ao dizer que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos da ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos (MUNANGA, 2008, p.12).

No projeto executado, observamos que as atividades desenvolvidas despertaram o entusiasmo do público participante. Muitos alunos demonstraram interesses na realização das atividades de pintura e colagem. Outro ponto interessante foi a participação ativa dos alunos nas rodas de conversa sobre o tema do projeto, dialogando entre si e com a professora e expondo



opiniões. Fato que nos causa satisfação, até porque, segundo relato das docentes da turma, depois da realização do projeto muitos alunos faziam questão que as professoras da turma fizessem diariamente a leitura de histórias infantis, em que os alunos escutavam pacientemente e pediam para expor suas opiniões do que entendiam sobre o que tinha sido lido.

Considerações Finais

Diante dos dados apresentados e do objetivo traçado, concluímos que ensinar em sala de aula sobre o tema diversidade étnico-racial é uma construção que pode ser incentivada por meio de atividades lúdicas, ações que despertem no aluno o interesse e o desejo pelo querer aprender. A prática do diálogo sobre os temas trabalhados em sala de aula é de suma importância para a educação, pois permite ao aluno ampliar seus conhecimentos e assim contribui para sua transformação individual e social. Em outros termos, significa formar cidadãos ativos e participantes na sociedade.

Os dados nos mostraram que antes da realização do projeto poucos alunos tinham conhecimento sobre o que era diversidade étnico-racial, e esse conhecimento, na maioria das vezes, restringia-se à vivência diária, em casa, com pessoas de diferentes raças. Após o projeto foi possível perceber que há um número mais expressivo de alunos que se interessam pelo assunto, que entendem que ser diferente, por se ter uma cor diferente do outro, não significa inferioridade, mas sim uma mistura de raças, que forma um País de cores, costumes e hábitos heterogêneos, em que todos possuem e comungam dos mesmos direitos e deveres enquanto seres humanos. Os pedidos dos alunos por leituras de histórias infantis aumentaram, tornando-se um hábito cotidiano.

Portanto, torna-se imprescindível que escolas, alunos e professores cada vez mais desenvolvam projetos educacionais que incentivem os alunos a buscarem o hábito e o gosto em dialogar, expor opiniões e conhecer mais sobre o que está estudando, como um processo enriquecedor de conhecimento, que amplie suas visões de mundo, unindo o ensino-aprendizagem à prática de apropriação de conhecimento continua.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**: Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.

SILVA, Andreza da Paixão. Diversidade étnico-racial: reflexões a partir do projeto “Menina bonita do laço de fita”. In: **IV ANAIS do Colóquio de Letras**, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018. ISSN: **2358-1131**

BRASIL, Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília: SECAD; SEPPIR, jun.2009.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4.ed.Porto Alegre: Mediação, 2002, p.120

FREIRE, Paulo. **A educação como Prática de liberdade**. 23ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In:CAVALLEIRO, Eliane(org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Cor e Raça. In:Raça: novas perspectivas antropológicas. SANSORE, Livio, PINHO, Osmundo Araújo (orgs). 2. Ed. Rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia, EDUFBA, 2008.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, v.35, n. 2, p.115-21, jun. 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000. (Coleção Barquinho de Papel).

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Imagem, identidade e escola. In: Salto para o futuro. Cultura visual e escola. TV Escola. Ano XXI. Boletim 09- Agosto/2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA,Kabengele(Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2008.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus. O negro na confluência da educação e da literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org). Relações raciais e educação: novos desafios. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P.145-172

SACRISTÁN, J. 3ª Ed. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Estatuto da igualdade racial. Brasil, 2010. Disponível em: www.brasil.gov.br.

SILVA, Andreza da Paixão. Diversidade étnico-racial: reflexões a partir do projeto “Menina bonita do laço de fita”. In: **IV ANAIS do Colóquio de Letras**, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018.ISSN: 2358-1131